



## POR UMA HISTÓRIA DAS SENSIBILIDADES DA RELIGIOSIDADE CATÓLICA MARINGAENSE

MARCIA REGINA DE OLIVEIRA LUPION\*

**RESUMO:** A história da religiosidade católica maringaense, assim como a própria história do município fundado em 1951 no norte paranaense se confunde muitas vezes com a biografia de Dom Jaime Luiz Coelho, primeiro bispo do município. Na busca por ampliar essa memória apresento um proposta de pesquisa pautada na corrente historiográfica conhecida como História das Sensibilidades por acreditar que por meio desse modelo seja possível inserir aspectos do catolicismo maringaense balizados também pela imaterialidade dos atos de muitos daqueles e daquelas que foram seus construtores e construtoras e que nem sempre são lembrados pela memória estabelecida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religiosidade Católica – Maringá - Paraná – Biografia – História das Sensibilidades.

### 1. Em busca de um objeto de pesquisa

Malan, figura folclórica em Maringá por caminhar pelas ruas anotando o nome de pessoas que desejam orações há 21 anos comemora no dia cinco de maio seu aniversário quando costuma preparar dois bolos para a festividade. O duplo quitute se deve ao fato de que na data citada o Padre Bernardo Cnudde teria rezado por Malan para que este abandonasse o vício em bebidas alcólicas e, tendo isso acontecido, o receptor da graça, ou podemos dizer milagre, teria passado a ver na data um novo nascimento, daí a comemoração com dois bolos: um para si e outro em agradecimento ao padre Bernardo<sup>1</sup>.

O padre ou monsenhor Bernardo, já é falecido. Malan continua por aqui mas o fato envolvendo ambos nos trazem um outro lado da religiosidade maringaense, algo totalmente diferente do que se costuma ouvir quando o assunto é religião católica na cidade. O ocorrido com Malan e Bernardo torna visível uma religiosidade imaterial cujo registro ainda não foi realizado ou problematizado. A memória comumente estabelecida sobre o catolicismo

---

<sup>1</sup> A tradicional festa do Malan aconteceu depois de ser proibida em salão paroquial em maio de 2015. Ver reportagem sobre o fato em <<http://www.carlaomaringa.com.br/2015/05/tradicional-festa-do-malan-aconteceu.html>> Acesso em 24 jan. 2017.

\* Professora temporária do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá-Paraná, Mestre em História Social e Especialista em História das Religiões.

maringaense evoca sempre a figura de outro personagem, o Arcebispo Dom Jaime Luiz Coelho. Seus feitos tem sido registrados em livros, sítios e vídeos além de documentos institucionais e textos escritos para jornais da cidade. Seu espírito empreendedor atrelado aos desígnios da Igreja Católica a partir dos anos 1930 fizeram de Dom Jaime a lembrança mais frequente quando se trata de falar da importância da religião católica para a formação da cidade de Maringá e região<sup>2</sup>. Mas, essa memória não é suficiente para captar outras nuances que acompanham esse fazer-se e estabelecer-se da igreja católica no município como as emoções que acompanharam esse processo. Assim, será no campo das subjetividades, da imaterialidade, da emoção, da sensibilidade que se constituirá o objeto de minha pesquisa. Fé e ação são dois conceitos chave para a compreensão do campo religioso estabelecido em Maringá a partir de sua fundação. Construir biografias é essencial nesse processo pois são fontes riquíssimas de informação por revelarem as múltiplas facetas de um processo histórico uma vez que conectam o entrelaçamento entre as individualidades as coletividades que se manifestam na cultura em que o biografado está inserido.

## 2. A História Cultural

Imbuída da tarefa de registrar traços da religiosidade maringaense marcados pela imaterialidade, ou pela subjetividade, acredito ser necessário partir de uma abordagem histórica que contemple a possibilidade de fazer esse registro. Encontrei numa área recente da História chamada História das Sensibilidades o caminho que considere mais preciso para colocar em prática essa empreita e dar os primeiros passos em direção a um objeto de pesquisa. A corrente citada busca conhecer e apreender o mundo para além da ciência, para além do racional como nos explica Serge Gruzinski historiador francês especialista em história da América Latina no livro organizado por Sandra Pesavento e Frédérique Langué com temas totalmente voltados para as sensibilidades e cujo título é *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades plurais* (2007).

---

<sup>2</sup> As dissertações do teólogo e historiador Selson Garutti e da historiadora Márcia Maria Pereira citados nas referências são essenciais para a compreensão dos aportes teóricos sob os quais o projeto empreendido por Jaime em Maringá se estabeleceu. Projeto esse que será foco de análises mais precisas no decorrer da pesquisa de doutorado.

Além disso, a história que tem como foco as sensibilidades é singular por interessar-se pelo indivíduo, por suas contradições, por escavar destinos, exumar afetividades sem perder o campo maior dos grupos sociais nos quais o indivíduo está inserido. As biografias nesse caso são essenciais para a composição do trabalho que aqui se propõe. Em contato com fiéis católicos foi possível perceber a receptividade em discorrer sobre a temática e nesse sentido, a pesquisa deverá contar também com aportes da História Oral além do uso da citada Biografia para sua composição.

Objeto e problemática de pesquisa ainda não estão totalmente estabelecidos. Uma penumbra ainda paira sobre ambos. Intensificar as pesquisas é o passo necessário para trazer luz a esses dois tópicos da pesquisa. Visitas à Cúria Metropolitana, ao Patrimônio Cultural da Prefeitura, ao Centro Espírita Amém assim como identificar possíveis depoentes, como o próprio Malan por exemplo, são parte das estratégias para o processo de elucidação. É conveniente esclarecer que a visita ao Centro Espírita Amém e outros do município se deve à estreita ligação entre essas instituições e o Padre Bernardo Cnudde dada à sua especificidade, nem sempre exposta, de praticar o exorcismo. Ação quase sempre citada com gestos marcados pelo segredo como se tais atos não devessem ser citados em voz alta.

É esse mistério que pretendo explorar. São esses “não ditos” que me aguçam os sentidos. Os feitos materiais da igreja católica maringaense já estão exaustivamente descritos em diversos livros e documentos como os citados acima embora a academia ainda não tenha despertado em profundidade para o tema. Mas, a imaterialidade da fé me parece algo ainda pouco registrado. Aquilo que foge ao proposto pelos cânones religiosos, aquilo que o católico busca na hora da dor, do sofrimento e mesmo da alegria. Aquilo que não vem escrito nos manuais de catequese. Aquilo que é sentido.

Uma das raras exceções nesse caso é a biografia do Padre Francisco Robl, ou padre Chiquinho como era carinhosamente conhecido e que teve sua trajetória de vida descrita na obra *Padre Francisco Robl, scj: o “padre sorriso”* escrito em 2010 por Pedrina Souza Cruz atual locutora da Rádio Colmeia de Maringá e católica atuante na região. Confessor e diretor espiritual de Dom Jaime, padre Chiquinho apresenta particularidades em seu ministério voltadas para o trabalho com a emoção dos fiéis sempre sob o voto de obediência aos

superiores e à própria igreja, como nos informa Pedrina Souza Cruz. Acima de tudo porém, a alcunha de “padre sorriso” demonstra a maior característica desse padre, ou seja, sua simpatia. Particularmente tive o prazer de assistir a algumas missas ministradas pelo Padre Chiquinho e pessoalmente comprovar essa prática. Assim, Padre Chiquinho e Monsenhor Bernardo apresentam-se como dois casos mais explícitos acerca da religiosidade maringense cuja memória não parte da produção material com a qual se vincula a igreja católica no município.

Em minhas breves pesquisas ainda não encontrei biografias de religiosas em Maringá embora seu trabalho seja tão vasto ou importante quanto dos membros masculinos. Assim como ainda não foram encontrados registros de leigos e leigas atuantes e cuja dedicação à igreja local certamente trariam novas informações para ação católica na cidade e região. No meio acadêmico e também por meio de pesquisas de jornalistas e padres a religião católica maringense foi resenhada ora de forma abrangente, ora sob a atuação massiva de Dom Jaime. Fato que é bastante significativo no sentido da geração de fontes sobre o tema mas, que por outro lado, deixa em aberto a questão da imaterialidade dessa atuação e nos faz questionar acerca das formas como se manifesta a fé católica maringense.

O trabalho com biografias está em acordo com diversos autores que discutem a proposição como Giovanni Levi, Pierre Bourdieu, Gabriele Rosenthal presentes na obra *Usos e abusos da história oral* (2001) e de Leonor Arfuch relativa ao espaço biográfico por exemplo. Datada de 2010, a análise que Arfuch faz acerca dos usos da biografia leva a ampliação desses usos quando cria uma nova categoria explicativa para biografia que é conceituada por ela como “espaço biográfico” e na qual as biografias passam de simples relatos ou histórias de vida a narrativas nas quais e verifica o caráter dialógico presente nas mesmas. Esse caráter dialógico é pertinente ao conceito bakhtiniano de hibridismo cultural quando a biografia não é apenas a expressão do “eu” desconectado e sim a expressão de um “eu” mediado pela cultura na qual está inserido. Partindo dessa perspectiva temos a ideia de que as biografias são campos nos quais é possível verificar a existência de múltiplas narrativas, de uma polifonia de vozes e assim, sendo impossível reduzi-las a apenas histórias de vida simples ignorando sua complexidade. O espaço biográfico então manifestaria a existência intertextual de diversos gêneros discursivos em torno de uma posição sujeito autenticadas por uma existência real, ou seja, algo inserido no trânsito entre o “eu” e o “nós”, entre o individual e o coletivo, do

simples ao complexo ou seu inverso, ou no imbricamento entre o antropológico e o histórico, entre o psíquico e o histórico.

Os usos de biografias em levantamentos de ordem histórica ou no campo das ciências humanas data de longo tempo, mas, é fato seu uso tem sido diverso e seus objetivos muitas vezes questionáveis haja vista os enfoques apologéticos apresentados por muitos desses levantamentos. No entanto, a História Cultural praticada a partir de meados do século XX colocou em xeque o fazer historiográfico marcado por campos específicos como a política, a economia ou o social.

De fato, tais mudanças devem ser vistas como uma conquista para o campo da produção historiográfica uma vez que, para além da ampliação já realizada pela Escola dos Annales no início do XX, por meio da “virada cultural” ocorrida nos anos 1990 legitimou-se a possibilidade de se realizar pesquisas sobre os mais diversos temas sob o respaldo de teorias já bastante estabelecidas. Um dessas teorias é a História das Sensibilidades, filha direta da História Cultural redescoberta, segundo Peter Burke (2008), em 1970 na Europa e nos Estados Unidos e que tem produzido uma série de pesquisas que transcendem a historiografia marcada pelas relações políticas, econômicas e militares sobre as quais grande parte da produção histórica se pautou mesmo no pós-Annales.

As raízes da história cultural podem ser encontradas há mais de 200 anos e Burke em obra que procura responder o que é história cultural (2008) divide a produção sob esse conceito em quatro fases sendo a primeira fase denominada *clássica* cuja temporalidade foi estabelecida entre 1800 a 1950; a segunda fase da foi denominada *história social da arte* e seu início data de 1930; a história *da cultura popular* nos anos 1960 é considerada o terceiro período dos estudos pautados na cultura sendo o quarto a então *nova história cultural* que se desdobra a partir de 1970 e que nos chega apenas como História Cultural dado o estabelecimento dessa perspectiva teórica no meio acadêmico atualmente.

Não nos cabe aqui analisar em detalhes a produção desenvolvida em cada um desses momentos mas é interessante citar alguns nomes cuja relevância no âmbito acadêmico das ciências humanas e certamente para além, demonstram o quão significativas são as pesquisas na área cultural como o alemão Johan Huizinga, o suíço Jacob Burckhardt, Ernest Gombich,

Arnald Hauser; Edwar Palmer Thompson e, no Brasil Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente, Sandra Jatay Pesavento, Frédérique Langue e Mary Del Priori com seu livro *História do Amor no Brasil* publicado pela primeira vez em 2005 e que cobre praticamente 500 anos da história dessa temática tão peculiar.

Aliás, peculiaridade é uma das características mais interessantes dos estudos marcados pela cultura. Dada a não especificidade do conceito é possível encontrar trabalhos sobre populações, mulheres, ideais, negócios, guerras, biografias, religiosidades em suas diversas manifestações. Enfim, o leque é bastante amplo e em sua maioria os temas trazem a subjetividade como o carro chefe das abordagens assim como também uma mais ampla visibilidade das relações ocorridas cotidianamente quer seja de um grupo específico, quer seja de sociedade ou mesmo um indivíduo. Longe de estabelecer parâmetros para o que deve ser estudado pelo historiador, a história cultural oferece infinitas possibilidades de abordagem e objetos de estudo sem perder a referência da produção com base científica. Assim, tudo é importante para ser estudado dentro da perspectiva cultural cabe apenas manter o rigor acadêmico no que tange à produção final.

Considero que essa amplitude da abordagem cultural permite que a produção historiográfica possa ser apreciada além dos muros da academia e chegue até o público em geral uma vez que as diversas temáticas tendem a promover uma maior identificação entre o que é produzido e a sociedade. Assim, a história cultural ao inserir na faina histórica outras dimensões do universo das sociedades, sendo as sensibilidades uma de suas linhas, ao mesmo tempo que gera identidade entre o saber produzido na academia e a sociedade que a envolve também demonstra o limite das análises historiográficas dada a multiplicidade de possibilidades de análise de um mesmo objeto de estudo.

Outra característica da história cultural é seu apreço pelo estilo de narrativa que deve estar focada na complexidade. Assim esse estilo é o mais apreciado pelos historiadores culturais é a narrativa fluida e sedutora marcada tanto pela exposição dos detalhes, pelo que foge ao convencional quanto pela busca do padrão. Afinal, o que se quer destacar é exatamente a complexidade das relações individuais e coletivas. E, como explicita Le Breton (1999),

afetividade e emoções são social e culturalmente construídas e dentro desse campo devem ser estudadas, fato já apresentado acima quando citamos Arfuch.

Carlo Ginzburg no capítulo *Sinais, raízes de um paradigma indiciário* presente na obra *Mitos, emblemas e sinais* e cuja primeira edição data de 1986, já apontava para a importância dos detalhes para a constituição de narrativas mais bem elaboradas e Peter Gay (1990) ao analisar os estilos na história, em livro homônimo, nos leva a refletir sobre duas situações: uma ligada a importância da escrita historiográfica para uma maior aceitação do que é produzido e outra que aponta para o fato de que conhecer o autor é essencial para compreender sua narrativa. Mas, é numa entrevista cedida por Peter Burke à Folha de São Paulo em setembro de 1994, ocasião em que o renomado historiador aqui esteve para desenvolver o projeto de pesquisa denominado “Duas crises da consciência histórica” na USP, que podemos vislumbrar os caminhos que a questão relativa à forma como se escreve a história torna-se mais compreensível. Para o historiador inglês, ao escreverem suas histórias, os historiadores devem valorizar as evidências mas devem também lançar mão de sua imaginação. Isso deve ser feito utilizando-se recursos literários como metáforas, diálogos, modos de aumentar o suspense, etc. o que pode, em alguns aspectos, colocar os historiadores mais próximos ou mais distantes dos romancistas sem no entanto, desqualificar o trabalho produzido.

A história cultural então, aponta para uma nova escrita da história. Mais ampla e certamente menos seletiva. Por isso uma linha de pesquisa que tem por foco as sensibilidades, as emoções humanas tornou-se uma possibilidade a partir dos anos 1990 e se estende até a atualidade.

## 2.1 As Sensibilidades em foco

O início do século XXI trouxe consigo novas formas de estudo e abordagem sobre a História como introduzido acima. A história das sensibilidades por exemplo tem sua consolidação como área específica do conhecimento ainda com seu paradigma fundador, a história das mentalidades e também a história das representações. Frédérique Langué, autor da afirmação anterior traça o perfil da história das sensibilidades na obra *História e sensibilidade* lançada

em 2006 vê nessa vertente historiográfica uma possibilidade de “balizamento a partir do ‘não-dito da história’, na fronteira – para não dizer à margem e à sombra – da disciplina histórica impregnado de emoções e paixões na esfera de um cotidiano distante do dia-a-dia elites governantes” (2008, p. 22) e, em nosso caso, de uma memória alicerçada não somente marcada pela história plutocrática mas principalmente sobre uma biografia específica.

É fato porém, que a história das sensibilidades trabalha com o não mensurável, o não quantitativo e nisso reside ao mesmo seu maior desafio e sua maior beleza. Discorrer sobre o não visível a olho, discorrer sobre processos mentais que se dão a partir da forma como os indivíduos se representam e que se manifestam em suas ações. Afinal, “as sensações [...] podem ser definidas como a capacidade de ser afetado por fenômenos físicos e psíquicos, em reação dos indivíduos diante da realidade que os toca” pondera Sandra Pesavento (2007, p. 12). Assim, compreender o processo de percepção do mundo do grupo social ou dos indivíduos envolvidos na pesquisa torna-se essencial uma vez que pois a forma como o indivíduo apreende e reconhece o mundo é o espaço da percepção ou da forma como ele interpreta o mundo no qual está inserido.

A ideia de cultura como sendo o espaço do coletivo se pensarmos em grupo específico nos ajuda a compreender o raciocínio acima. Uma pessoa nascida num grupo muçulmano terá sua visão de mundo mediada por essa experiência. Uma vez fora de seu grupo o indivíduo irá analisar, refletir sobre ou apreender o diferente tendo por referência a sua realidade primeira marcada pelo islamismo.

Não se nega que as sensibilidades sejam difíceis de capturar haja vista toda a alteridade envolvida e para superar essa dificuldade é necessário que se estabeleça tanto a temática específica, o grupo ou os indivíduos envolvidos, o fato catártico (caso exista) e principalmente estabelecer a temporalidade a que se refere a pesquisa. Sentir os homens e as mulheres de outra época é um trabalho que precisa reconhecer as experiências desse outro momento. Experiências essas marcadas pelas subjetividade comum a cada momento histórico de cada grupo específico. Balizar essas experiências no entanto demanda um trabalho de leitura sobre as fontes que tem no método investigativo ou indiciário sugerido por Carlo Ginzburg sua melhor expressão. Captar detalhes, sobretudo em obras já existentes sobre o tema é essencial

nesse processo de construção de evidências ligadas ao registro das sensibilidades. Pesavento sugere que o resgate do sensível ou das práticas culturais deve ser feito “através das marcas que deixaram nos materiais de arquivo, nas artes, na literatura” (2007, p. 15) sempre precedido de um questionamento pois “mesmo nos documentos oficiais [...] é possível encontrar traços da alma, traços do mundo sensível de uma outra época” (2007, p. 15).

### 3. O desafio

Ainda que confiante que a escolha da vertente teórica aqui exposta é a ideal para abordar o tema da religiosidade católica maringaense para além da marca empreendedora que a acompanha, finalizamos esse trabalho com mais dúvidas que certezas. Dúvidas marcadas principalmente pelo exposto acima acerca do olhar delicado sobre as fontes para o encontro dos vestígios acerca das sensibilidades que acompanharam o processo de estabelecimento do catolicismo no município. Um fator que me deixa menos desconfortável nesse caso é que o número de fontes escritas sobre o fato tem um acervo bastante expressivo e disponível sendo portanto necessário então estabelecer o grupo de fontes e a temporalidade sobre a qual pretendo me debruçar.

Sem desconsiderar a relevância do empreendedorismo católico em Maringá, sob a batina de Dom Jaime acredito que escondem-se outros acontecimentos que também estão ligados à história da Igreja no município e o fato citado acima com Malan é apenas um deles. Trazer à tona esses outros acontecimentos requer adentrar um universo ainda não explorado ou talvez pouco explorado. Requer uma narrativa histórica que considere a dimensão imaterial dos mesmos, a dimensão do não visível, do não palpável, enfim, da fé e das emoções que acompanham as ações como citei acima.

Acredito que após contato mais expressivo com as fontes o caminho da pesquisa será melhor definido no que concerne ao objeto, objetivos, metodologias, hipóteses e problemáticas. Feito isso, o trabalho será então o garimpamento das emoções, das sensibilidades que certamente fazem parte da religiosidade católica praticada em Maringá e cuja parte da história pretendo registrar.

## Referências

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coords.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001. (Primeira edição 1996).

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2. ed. Rev. Ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Primeira edição 2004).

COUTO, José Geraldo. *A invenção da história*. Entrevista com Peter Burke. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/9/11/mais!/6.html>>. Acesso em 14 de outubro de 2016.

Del Priore, Mary. *História do amor no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. (Primeira edição 2005).

LANGUE, Frédérique. O sussurro do tempo: ensaios sobre a história cruzada das sensibilidade Brasil-França. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 21-34.

GAY, Peter. *O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. (Primeira edição de 1974).

GINZBURG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 14-17. (Primeira edição 1986).

GINZBURG, Carlo; CASTELNUEOVO, Enrico; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: \_\_\_\_\_. *A micro história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 169-178.

LE BRETON, David. *Las pasiones ordinarias*. Antropologia de las emociones. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatay; LANGUE, Frédérique. (Orgs.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

Tradicional festa do Malan aconteceu depois de ser proibida em salão paroquial. Disponível em <<http://www.carlaomaringa.com.br/2015/05/tradicional-festa-do-malan-aconteceu.html>> Acesso em 24 jan. 2017.